

# PORTICUS AEMILIA: *EMPORIUM*, *NAVALIA* E *HORREA* EM UM ÚNICO COLOSSO<sup>1</sup>

Gabriel Cabral Bernardo<sup>2</sup>

RESUMO: Hoje, em meio ao bairro moderno do Testaccio em Roma, jazem apenas dois vestígios do que seria um monumento colossal, cujas dimensões e técnicas de construção indicam que o edifício já desempenhou um papel grande importância no funcionamento da cidade antiga. Entretanto, as fontes disponíveis ainda não são suficientes para a identificação definitiva da identidade e função primordial do monumento, apesar de produzirem teorias relevantes. Esse artigo procura comparar as teorias existentes e analisar o debate a respeito do chamado “Porticus Aemilia”, inserindo nele algumas considerações advindas das últimas campanhas de escavação realizadas no local.

PALAVRAS-CHAVE: Porticus Aemilia, Testaccio, Aventino, Navalia, Emporium.

ABSTRACT: Today, amid the modern district of Testaccio in Rome, lie only two traces of what once was a colossal monument, whose dimensions and construction techniques indicate that the building once had a major importance in the ancient city’s life. However, the available sources are not yet sufficient for the definitive identification of the monument’s identity and primordial function, though being enough for producing some relevant theories. This article intends to compare the existing theses and analyze the debate about the so-called “Porticus Aemilia”, inserting in it some considerations deriving from the recent excavation campaigns carried out in the area.

KEYWORDS: Porticus Aemilia, Testaccio, Aventinus, Navalia, Emporium.

## I. Introdução

Em 2011 o Real Instituto Holandês em Roma (*Koninklijk Nederlands Instituut Rome*, KNIR), em colaboração com a Superintendência Especial para os Bens Arqueológicos de Roma (*Soprintendenza Speciale per i Beni Archeologici di Roma*, SSBAR), deu início a um projeto de pesquisa e valorização da herança arqueológica do bairro romano hoje chamado Testaccio. O projeto, batizado de “Challenging Testaccio”, tem o objetivo de unir dados espaciais, pesquisas de arquivo e atividades arqueológicas, concentrando-se em pontos específicos para “investigar a paisagem urbana como um palimpsesto de

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado da participação do autor na última campanha de escavação no chamado “Porticus Aemilia” em setembro de 2013, dirigida por Gert-Jan Burgers (Koninklijk Nederlands Instituut Rome) e Renato Sebastiani (Soprintendenza Speciale per i Beni Archeologici di Roma). Agradeço ao sr. Sebastiani pela autorização de participação a mim concedida e ao KNIR pela estrutura propiciada não somente a mim, mas a todos os integrantes da equipe.

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade de São Paulo.

histórias intimamente entrelaçadas e para investigar como elas podem ser integradas na cidade moderna”.<sup>3</sup> Melhor palco talvez não exista, tendo em vista a importância que a região possui para a história romana, talvez desde sua época monárquica, e as (relativamente poucas) energias até então dispendidas no estudo de seu potencial arqueológico.



Fig. 1 – Mapa da *urbs* romana na época do imperador Augusto, abrangendo a região aproximada da Muralha Serviana, com suas extensões além do Aventino (abaixo à esquerda) e do Campo de Marte (acima à esquerda).

Legenda: (A) Portus Tiberinus, (B) Forum Boario, (C) Porticus Aemilia, (D) Porta Fontinalis, (E) Altar de Marte, (F) Porta Trigemina, (G) Porta Capena e (H) Horrea Galbana

<sup>3</sup> <http://www.knir.it/en/challenging-testaccio.html> Acessado em 15/09/2014.

Localizada ao sul da colina do Aventino (fig. 1), a tradição a região foi (segundo a tradição) palco das ocupações promovidas pelo rei lendário Anco Márcio, que para lá movera as populações das cidades latinas conquistadas (Tito Lívio 1.33). Esses aglomerados de populações transferidas – engrossadas pelos clientes e estrangeiros residentes – posteriormente formariam a plebe, categoria inferior aos patrícios e alheia a qualquer participação cívica.<sup>4</sup> Tais precedentes e seu contato cotidiano com forasteiros – devido à sua proximidade com o primeiro porto romano, o Portus Tiberinus (fig. 1: A) – continuarão a influenciar a história do Aventino. Seu espaço ocupado mostra grande recorrência de santuários e templos de cultos estrangeiros,<sup>5</sup> deixando bem claro os motivos pelos quais F. Coarelli caracteriza o Aventino republicano de “acrópole da plebe”;<sup>6</sup> e, afinal de contas, não teria sido à toa que Caio Graco e seus apoiadores lá se refugiaram em 121 a.C., quando acusados pelo senado de assassinato (Plutarco *Caio Graco* 15.1).

Entretanto, a partir do começo do século II a.C., depois que Roma já havia estabelecido uma posição forte no Mediterrâneo entre a Segunda e a Terceira Guerra Púnica, quantidades cada vez maiores de pessoas migraram do campo para a cidade. Esses contingentes, que também ocupam regiões periféricas à cidade como o Aventino, passam a alimentar não só as tensões culminadas nas ações dos irmãos Graco, mas também as necessidades de uma cidade que se transformava rapidamente e que crescia fisicamente, impulsionada pelo patrocínio de aristocratas a monumentos comemorativos de seus próprios feitos.<sup>7</sup> Novas estruturas e outras pré-existentes foram construídas ou reformadas, mas agora pontuando a cidade com elementos arquitetônicos descobertos no leste helenístico. Um exemplo é o próprio Portus Tiberinus, que desde o século VIII a.C. já recebia mercadores estrangeiros e em 179 foi “helenizado” pelo censor M. Fulvio Nobilior.<sup>8</sup> Podemos até dizer que foram realizados ali, no único porto da cidade e principal ligação do mercado

---

<sup>4</sup> HOMO, Léon. *Roman Political Institutions: Form City to State*. Londres: Routledge, 2013. p. 13-14.

<sup>5</sup> Ver ORLIN, Eric M. Foreign Cults in Republican Rome: Rethinking the Pomerian Rule. *Memoirs of the American Academy in Rome*, Roma-Nova York, vol. 47, p. 1-18, 2002.

<sup>6</sup> *Guida Archeologica di Roma*. Ostiglia: Arnoldo Mondadori Editore, 1974. p. 296.

<sup>7</sup> ROSENSTEIN, Nathan. Italy: Economy and Demography after Hannibal's War. In: HOYOS, Dexter (Ed.). *A Companion to the Punic Wars*. Oxford: Blackwell Publishing, 2011. p. 412-4

<sup>8</sup> COLINI, Antonio Maria. Il Porto Fluviale del Foro Boario a Roma. In: *Memoirs of the American Academy in Rome*, Roma-Nova York, vol. 36, p. 43-53, 1980.

fluvial com o Forum Boario (fig. 1: B, também um importante espaço econômico), os primeiros investimentos públicos relacionados à uma importância econômica que lentamente seria transferida da ponta setentrional do Aventino para sua seção meridional. Isso pode ser observado nas estruturas ali erigidas para abrigar o tráfego crescente que agora reclamava o Tibre. Essa é a região que hoje chamamos de Testaccio, cujas escavações recentes buscam esclarecer um dos períodos de maior expansão e transformação da malha urbana de Roma.

## II. O Porticus Aemilia

Na margem leste do Tibre e logo a sudoeste do Aventino permanecem em pé até hoje duas arcadas de cerca de 3 m de altura, ligeiramente diferentes: uma delas com a orientação noroeste-sudeste, composta por cinco arcos; a outra com a orientação nordeste-sudoeste, composta de dois arcos com pequenas janelas na parte superior da parede. Duas ruínas separadas por apenas alguns metros, mas que antes eram sem dúvida ligadas, algo muito fácil de se enxergar por conta de suas características arquitetônicas idênticas: a utilização de um *opus incertum* de alta qualidade. Essa técnica, a mais antiga a utilizar cimento, consiste em unir unidades irregulares de rocha com argamassas de composição variada. Apesar de suas dimensões, tais vestígios serão colocados pela primeira vez no mapa urbanístico da Roma antiga somente em 1934, por um dos mais importantes arqueólogos italianos: Guglielmo Gatti.<sup>9</sup>

Ao realizar uma interpretação arqueológica exemplar, Gatti conseguiu ligar as características das ruínas no Testaccio com fragmentos de outra fonte importantíssima sobre a malha urbana da Roma antiga: a *Forma Urbis Romae*, planta marmórea monumental construída sob o imperador Sétimo Severo, cujos entalhes retratavam toda a *urbs* romana do século III.<sup>10</sup> Até então estes fragmentos (fig. 2) eram colocados no começo da Via Lata e suas letras interpretadas como parte da denominação [SAEPTA IV]LIA. Entretanto, Gatti os identifica em 1935 como a representação da totalidade do monumento

---

<sup>9</sup> “Saepta Julia” e “Porticus Aemilia” nella “Forma” Severiana. In: *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*, v. 62, p. 123-149, 1934.

<sup>10</sup> Ver REYNOLDS, David West. *Forma Urbis Romae: The Severan Marble Plan and the Urban Form of Ancient Rome*. PhD Dissertation, Earth & Geoscience, University of Michigan, 1996.

próximo ao Aventino (fig. 1: C).<sup>11</sup> Dessa forma, projetando as formas ainda de pé do edifício no bairro moderno do Testaccio às medidas mostradas na planta marmórea, Gatti nos ofereceu a visão de um grande monumento, com 487 m de comprimento e 60 m de largura (29220 m<sup>2</sup>), subdividido por 294 pilastras em 50 naves no sentido longitudinal, que descendiam, através de quatro níveis, em direção ao Tibre, do qual se distanciava cerca de 90 m.

Entretanto, mesmo que as estruturas de Gatti parecessem se adaptar à *Forma Urbis*, ainda era necessária a identificação do edifício, de cujo nome sabemos apenas as três últimas letras, LIA (ver frag, 23, fig. 2). De acordo com o estudioso, a estrutura gigantesca seria um dos pórticos construídos pelos edis Marcus Aemilius Lepidus e Lucius Aemilius Paulus em 193 a.C. Além de terem adornado o telhado do templo Júpiter com escudos dourados, os parentes teriam também construído um pórtico que levava da Porta Fontinalis (fig. 1: D) ao altar de Marte no Campus Martius (fig. 1: E), e outro “*extra portam Trigeminam*” (fig. 1: F), com um *emporium* anexo (Tito Lívio 35.10.12). Se lembrarmos do supracitado processo de expansão urbana sofrido por Roma, podemos considerar esse último complexo como um de primeiros produtos, mais especificamente de quando os romanos finalmente derrotaram Cartago (202 a.C.) e estabeleceram uma jovem hegemonia comercial no Mediterrâneo. Agora reparemos em outro elemento do relato de Tito Lívio: depois de quase duas décadas de existência, a utilização do complexo (*porticus-emporium*) provavelmente ocorreu em um nível tão intenso que tornou necessária sua restauração do monumento. Essa obra foi levada a cabo pelos censores Quintus Fulvius Flaccus e Aulus Postumius em 174 a.C., que aproveitam a ocasião para adicionar uma escada do Tibre até o *emporium* (41.27.7-8). Portanto, considerando que a Porta Trigemina localizava-se na seção da muralha serviana situada ao norte do Aventino, próxima ao rio Tibre e na estrada que levava ao *Forum Boario*, é seguro colocar o *porticus-emporium* mais ao sul, próximo à localização das estruturas em *opus incertum* do Testaccio (fig. 2).

Portanto, de acordo com Gatti, a estrutura no Testaccio – que provavelmente possuía funções de armazenamento – seria o resultado final das obras iniciadas pelos Aemilii e reformadas pelos censores em 174 a.C..

---

<sup>11</sup> COZZA, Lucos; TUCCI, Pier Luigi. Navalía. In: *Archeologia Classica*, Roma, vol. 57, n. 7, p. 176, 2006.

Consequentemente, o chamado “Porticus Aemilia” estaria representado na *Forma Urbis* pela figura colunada mostrada nos fragmentos 23, 24b e c, enquanto que o *emporium* corresponderia aos edifícios situados entre o pórtico e o Tibre no fragmento 24c. Enfim, temos a resposta para a inscrição na planta marmórea de Sétimo Severo: [AEMI]LIA, com o PORTICUS subentendido.

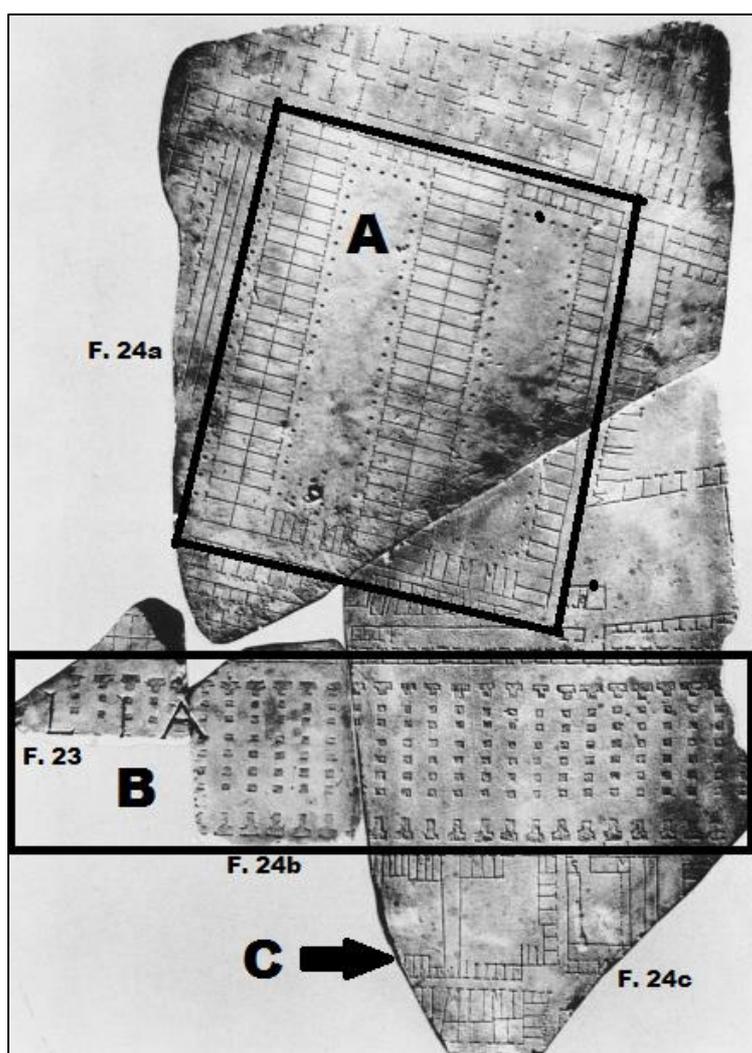


Fig. 2 – Fragmentos 23 e 14 a-c da *Forma Urbis Romae*.

Legenda: (A) Horrea Galbana, (B) Porticus Aemilia e (C) Emporium

### III. Primeiras Dúvidas

Mesmo que os argumentos de Gatti fossem os mais convincentes até o momento, lançando finalmente uma luz sobre o monumento pouco conhecido, ainda havia pequenas falhas em seu modelo. Uma delas é a ausência de uma

pergunta preliminar: o que os romanos consideravam por *porticus*, quando estes começaram a aparecer no cenário urbanístico de Roma? Talvez se observarmos estruturas semelhantes e contemporâneas aos *portici* dos Aemilii possamos compreender melhor sua configuração e a função.



Fig. 3 – Reconstrução dos *fora* imperiais. Notar os pórticos, colocados em volta de pátios abertos para servir tanto de proteção contra as intempéries como delimitação espacial.

De acordo com as fontes, os pórticos construídos pelos Aemilii são os mais antigos de que se tem registro, e por isso talvez os fundadores de uma tradição que logo produziria outros exemplos na cidade. Nos anos entre a construção dos dois pórticos supracitados e a restauração do Porticus Aemilia, sabemos que foram erigidos e implementados outros três desses, sendo que nenhum deles deixara sequer um vestígio de sua existência. Já vimos que o pórtico construído pelos Aemilii, aquele que partia da Porta Fontinalis, servia de conector entre duas regiões, a mesma função atribuída à Via Tecta – corredor da Via Ápia que ligava a Porta Capena (fig. 1: G) ao Clivus Martis (Ovídio *Fasti* 6.191-2). Sabemos também que junto à restauração do Porticus Aemilia foi realizada a pavimentação de outro pórtico localizado fora da Porta Trigemina,

não há dados sobre qual, seja o construído por Marcus Tuccius e Publius Junius Brutus em 192 a.C. (Liv. 35.41.10) ou o erigido pelo censor M. Fulvius Flaccus em 179 a.C. (40.51.6), mas sabemos que ele levava da Porta até o Aventino (41.27.9). Portanto, podemos inferir que a maioria desses exemplos tem a mesma função de ruas. Mas no que seriam diferentes delas? Como Richardson<sup>12</sup> sugere, esses pórticos teriam quase a mesma função que assumiriam em seus usos posteriores: caminhos ou conectores cobertos por um telhado sustentado por séries paralelas de colunas, geralmente com o intuito de proteger os transeuntes do sol e chuva. Esse princípio pode ser facilmente observado nos *fora* imperiais alguns séculos depois (fig. 3), ou até mesmo em exemplos tardios, sendo talvez o mais conhecido deles o Portico del Bernini, que contorna a Praça de São Pedro no Vaticano.

Mas qual a origem dessas estruturas? Mais uma vez temos que nos remeter ao contexto histórico. Mesmo que durante a conquista da Sicília os romanos já tivessem testemunhado elementos característicos da arquitetura grega, é somente depois que o esforço expansionista de Roma no Mediterrâneo começou a se concentrar na Grécia e Ásia Menor (entre outros locais) que os arquitetos romanos começaram realmente a adotar técnicas e materiais de berço helênico. As estruturas por nós discutidas seriam um dos melhores exemplos dessa expansão de repertório: eles estariam, de certa forma, imitando as *stoái* gregas, que atingiam seu pico de prestígio na arquitetura helenística do século II a.C.<sup>13</sup> Tais estruturas, como em Pérgamo e Atenas, chegavam a admitir usos comerciais e até mesmo monumentais (fig. 4). Entretanto, sua utilização remonta a muito antes dos reis helenísticos: Péricles, já no século IV a.C., construiu uma *stoá* no Pireu – um dos pontos comerciais mais movimentados de Atenas – para servir de mercado de grãos e auxiliar o comércio no porto (Pausânias 1.1.3). Portanto, não seria impróprio inferir que o Porticus Aemilia (e talvez os outros construídos fora da Porta Trigemina) também possuía(m)

---

<sup>12</sup> RICHARDSON JUNIOR, Lawrence. The Evolution of the Porticus Octaviae. In: *American Journal of Archaeology*, vol. 80, n. 1, p. 58, 1976.

<sup>13</sup> DAVIES, Penelope J. E. The Archaeology of Mid-Republican Rome: The Emergence of a Mediterranean Capital. In: EVANS, Jane DeRose. *A Companion to the Archaeology of the Roman Republic*. Londres: Blackwell Publishing, 2013. p. 451-455. Ver também WINTER, Frederik E. *Studies in Hellenistic Architecture*. Toronto: University of Toronto Press, 2006. p. 50-70 e COULTON, J. J. *The Architectural Development of the Greek Stoa*. Oxford: Clarendon Press, 1976. p. 55.

funções comerciais ligadas ao *emporium*, ou seja, eram edifícios anexos a outro mais importante, assim como a *stoá* ateniense era em relação ao Pireu.

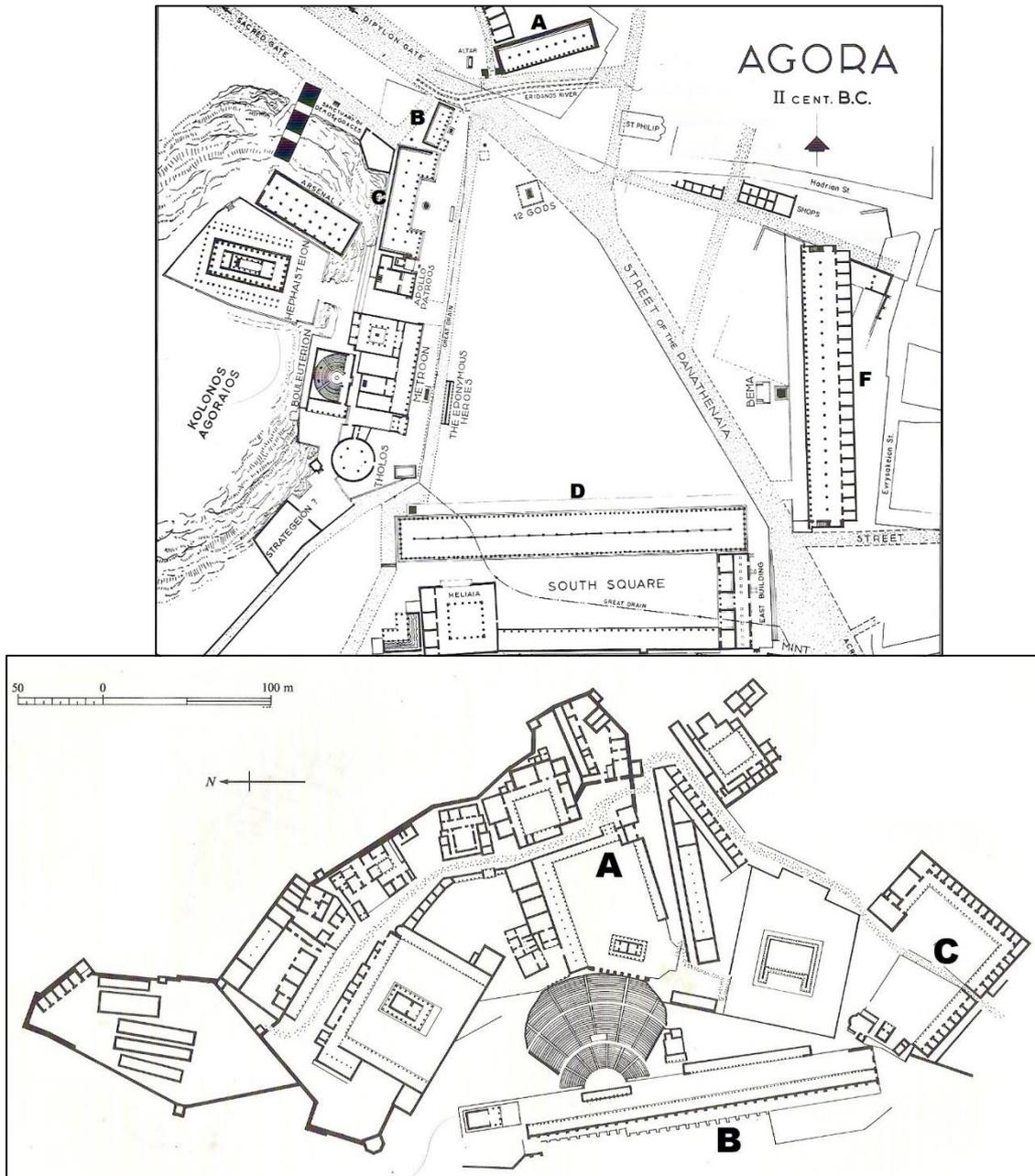


Fig. 4 – Ágora ateniense (acima) e acrópole de Pérgamo no século II a.C. (abaixo). Notar a quantidade de *stoái*, todas com formas parecidas mas com funções ligeiramente diferentes, indo desde uma mera delimitação espacial até um significativo marco monumental.

Legenda: Atenas – (A) *Stoá Poikile*, (B) *Stoá Real*, (C) *Stoá de Zeus*, (D) *Stoá Central*, (E) *Stoá Sul* e (F) *Stoá de Attalos II*. Pérgamo – (A) *Stoái do Santuário de Atena*, (B) *Stoái da plataforma do teatro* e (C) *Stoái da ágora*.

Essa interpretação, mesmo que útil na compreensão da função do edifício, traz apenas mais dúvidas em relação ao modelo de Gatti. O método de construção da estrutura do Testaccio, o *opus incertum*, era relativamente avançado para a época (a ser discutida abaixo) e suas dimensões colossais deixam claro que o edifício era importante demais para ser um simples anexo de qualquer outro espaço (como o Porticus Aemilia). Ele teria sobrepujado em muito qualquer outro mercado vizinho, e, uma vez que servia de armazém, seria contraproducente tê-lo construído mais distante do Tibre, atrás do *emporium*.<sup>14</sup> Uma segunda dúvida a respeito do modelo de Gatti seria a datação atribuída à estrutura através de sua arquitetura. Suas paredes foram erigidas com pedras de tufa amarela porosa fabricadas irregularmente, mas com uma consistência de 10 cm a 12 cm de espessura, mantidas no lugar por uma forte argamassa; tudo isso em *opus incertum*, cuja técnica só seria utilizada com maestria (como a apresentada na estrutura do Testaccio) na passagem do século II a.C. para o I a.C. Se nos mantivermos nas suposições de Richardson, um pórtico construído com esses materiais desde 193 a.C. dificilmente necessitaria de restauro menos de 20 anos depois. O Porticus Aemilia seria, portanto, construído com materiais menos resistentes às intempéries e ao uso intensivo que o *emporium* teria condicionado.<sup>15</sup> Portanto, só nos restam duas opções: ou o Porticus Aemilia sofrera um restauro, mais parecido com uma reconstrução total, por volta do período de Sulla (começo da década de 80 a.C., quando é estabelecida sua ditadura vitalícia);<sup>16</sup> ou a estrutura do Testaccio não é o Porticus Aemilia.

#### IV. Novas Funções e Suposições

As novas interpretações que surgiram nos anos seguintes mantiveram, de certa forma, algumas das ideias de Gatti e modificaram outras. Um dos novos modelos de relevância seria o do espanhol Emilio Rodríguez-Almeida. Depois de analisar as edificações situadas entre o Aventino e o Testaccio, o arqueólogo aceitou não só a reconstituição da inscrição da *Forma Urbis* como [AEMI]LIA como também a função de armazenagem proposta por Gatti. Rodríguez-Almeida assumiu que a palavra “Aemilia” fosse um patronímico, usado em

---

<sup>14</sup> RICHARDSON JR., L. The Evolution of the Porticus Octaviae. In: *American Journal of Archaeology*, Boston, vol. 80, n. 1, p. 57-59, 1976.

<sup>15</sup> Ibid., p. 59.

<sup>16</sup> BLAKE, M. *Ancient Roman Construction in Italy from the Prehistoric Period to Augustus*. Washington, D. C.: Carnegie Institution, 1947. p. 249.

outros edifícios também conectados a um sistema de doação de grãos à população. Esse sistema funcionaria da seguinte maneira: depois de registrar seu nome no templo das Ninfas, o requerente se dirigiria ao Porticus Minicia para receber uma senha, e dali seguiria até o Porticus Aemilia, onde sua senha o direcionaria a uma das 50 naves do edifício e onde o indivíduo receberia sua porção de grãos.<sup>17</sup> Ou seja, tanto a atribuição da obra quanto sua função permanecem essencialmente a mesma proposta por Gatti, sendo a maior diferença sua inserção no contexto administrativo regional.

Entretanto, a primeira grande reinterpretação seria a do arqueólogo Steven L. Tuck.<sup>18</sup> Apesar de aceitar a função de armazenagem da estrutura do Testaccio, graças a vários motivos o americano é o primeiro a identificá-la como sendo outro edifício, e não o Porticus Aemilia. O primeiro deles seria que tanto os restos da estrutura quanto sua localização não combinam com as informações fornecidas por Tito Lívio, pois a noção de *porticus* apresentada na *História de Roma* não seria aquela apresentada pelos arcos do Testaccio, e sua localização não era relativamente próxima à Porta Trigemina (fig. 1, F). O segundo motivo seria que sua estrutura se assemelha muito mais a dos *horrea* – armazéns de grãos, consistindo em câmaras de armazenamento construídas ao redor de um pátio central aberto (ver fig. 2, frag. 24a e 24c) – do que a de um *porticus*. Faltando ainda dar sentido às inscrições da planta marmórea, Tuck examinou desenhos e fotografias dos fragmentos referentes ao assim chamado Porticus Aemilia, encontrando em possíveis inscrições preparatórias no fragmento 24b traços que indicam a existência de um E antes do ]LIA (fig. 5), de modo que a denominação indicada na *Forma Urbis* poderia seria [CORNE]LIA, com um HORREA subentendido.<sup>19</sup> Portanto, uma vez que o edifício é datado com mais segurança ao período do ditador vitalício Lúcio Cornélio Sulla, é possível traçar uma ligação entre monumento e indivíduo: ele teria sido concebido como um grande edifício público, construído no contexto das

---

<sup>17</sup> Aemiliana. In: *Atti della Pontificia Accademia Romana di Archeologia: Rendiconti*, Roma, vol. 68, p. 373-83, 1995-1996.

<sup>18</sup> A new identification for the “Porticus Aemilia”. In: *Journal of Roman Archaeology*, Portsmouth, vol. 13, p. 175-182, 2000.

<sup>19</sup> Argumentos não suportados pela equipe da *Stanford Digital Forma Urbis Romae Project*. Ver:

<http://formaurbis.stanford.edu/fragment.php?record=1&fieldo=stanford&searcho=24b&opo=and&field1=all> (acessado em 16/06/2014).

campanhas movidas pelo ditador para assegurar o suprimento de grãos em Roma.

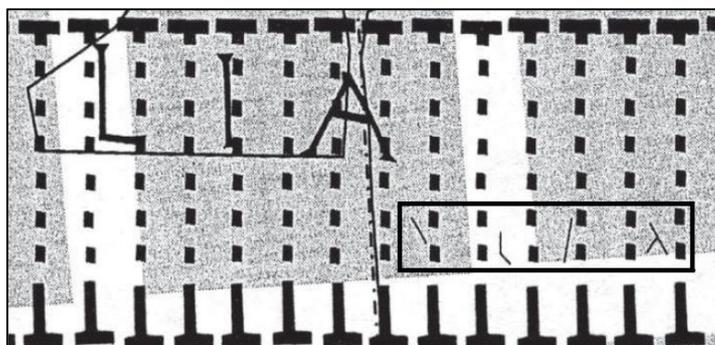


Fig. 5 – Desenho dos fragmentos 23 e 24b da *Forma Urbis*, de acordo com A. Aguilera Martin. Destacadas as inscrições preliminares (abaixo à direita).

#### V. Da Terra ao Mar

De todas as teorias já vistas aqui, talvez a mais convincente seja a apresentada por L. Cozza e P. L. Tucci.<sup>20</sup> Apesar de parecer incrível à primeira vista, devido ao contraste de suas opiniões com as anteriores, seus argumentos são surpreendentemente razoáveis: os italianos defendem que a estrutura em naves do Testaccio não seria um armazém, mas sim uma *navalia*, espécie de estaleiro naval.

Tucci começa sua análise desconstruindo os modelos anteriores. No caso da interpretação de Tuck, o italiano observou que o edifício criado pelo americano não é citado em nenhuma fonte, desconhecida de qualquer autor antigo – algo impressionante se pensarmos que essa seria uma das maiores construções de ninguém menos do que Sulla. Outro ponto duvidoso no trabalho de Tuck é a datação que o autor dá ao edifício através de seu método de construção: não parece verossímil que a Horrea Cornelia tivesse sido erigida com uma técnica mais “primitiva” (o *opus incertum*) a respeito daquela usada nas três Cohortes Galbanae vizinhas, o *opus reticulatum* – técnica também baseada na utilização de argamassa para ligar unidades líticas ou cerâmicas, sendo sua única diferença em relação ao *opus incertum* a utilização de unidades regulares de forma quadrangular – construídas alguns decênios antes.<sup>21</sup> A

<sup>20</sup> Navalía. In: *Archeologia Classica*, Roma, vol. 57, n. 7, p. 175-202, 2006.

<sup>21</sup> Cf. RICKMAN, G. *Roman Granaries and Store Buildings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 104.

respeito dos fragmentos da *Forma Urbis*, o raciocínio de Tucci visa desconstruir as duas propostas anteriores, do Porticus [AEMI]LIA e do Horrea [CORNE]LIA. Gatti supunha que a palavra “PORTICUS” estivesse subentendida na inscrição, diferente do caso do Porticus Liviae, Octaviae e Meleagri, mas idêntico ao do Porticus Divorum e Minicia (Vetus). Esse argumento seria plausível se todos os exemplos citados não fossem associados especificamente a espaços quadrangulares, pátios a céu aberto delimitados por pórticos colunados (fig. 6, ver fig. 2), muito diferentes do edifício em *opus incertum* no Testaccio. Além do mais, o espaço que as letras de “Porticus” e “Horrea” tomariam não seriam o suficiente para caber dentro das delimitações da representação do edifício, já NAVALIA caberia e ainda se adaptaria ao ângulo superior esquerdo, ponto onde normalmente se começava a leitura (fig. 7).

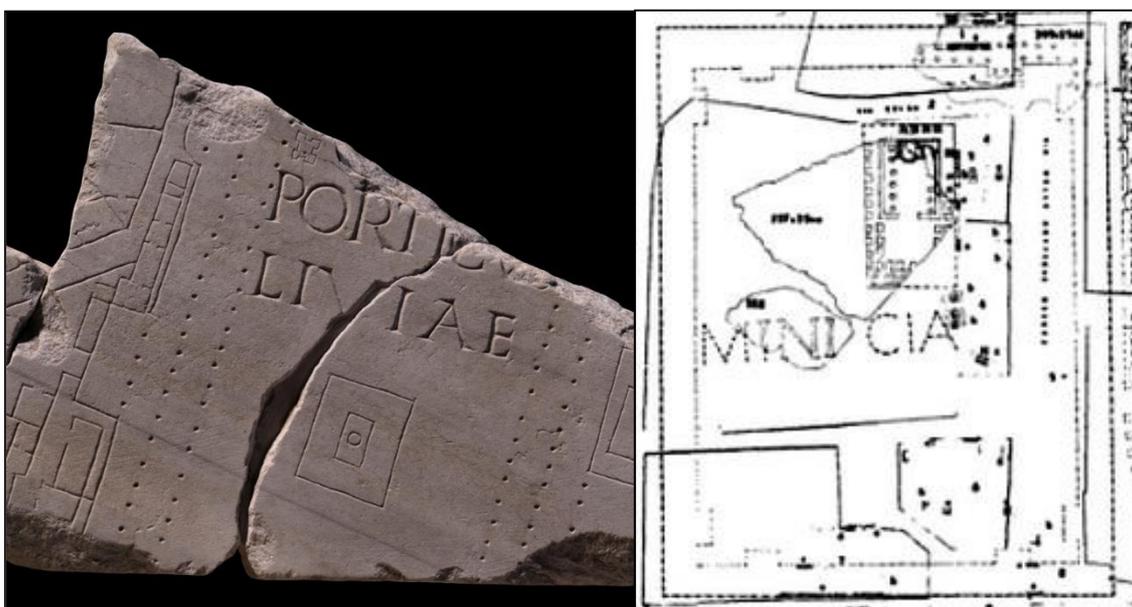


Fig. 6 – Fragmentos 10p e q da *Forma Urbis* que mostram o Porticus Liviae (à direita) e a reconstrução do que seria o [Porticus] Minicia (Vetus) (à esquerda).

No que diz respeito à construção do edifício, Tucci observa que o colosso do Testaccio teria tomado muito mais tempo para ser construído do que o período em que os *Aemilii* mantiveram os cargos de edis. O italiano, além de concordar que a estrutura não parecia com nenhum pórtico, afirma que ela

também não se assemelhava a nenhum *horreum* de época republicana, ambientes dispostos ao redor de um pátio central aberto.<sup>22</sup>

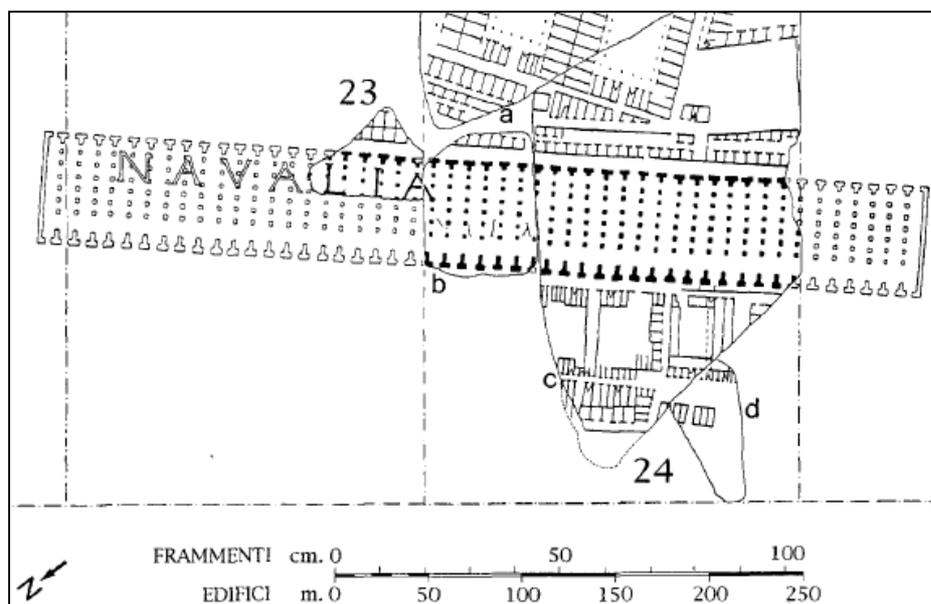


Fig. 7 – Reconstrução hipotética do modelo de interpretação proposto por Cozza e Tucci.

Uma vez desconstruídos os modelos do Horrea Cornelia e do Porticus Aemilia, Tucci começa a compor o seu próprio pelo único ponto em que Gatti parece ter ficado em dúvida quanto à configuração do prédio. Como já foi visto, Gatti chegou a notar que o edifício descia em níveis em direção ao Tibre, mas ele não soube dizer se o fazia em degraus ou em um plano inclinado (ver fig. 8). Segundo Tucci, ele não sabia porque ainda não se havia estudado os *neosoikoi* de Cartago ou de Apollonia: estruturas cobertas, construídas em níveis escalonados, mas que abrigavam estruturas assemelhadas a rampas inclinadas e apoiadas em suportes de madeira, ou seja, estruturas configuradas especialmente para receber as quilhas dos navios e rebocá-los para dentro do edifício em segurança (ver fig. 9). Tais estruturas eram bem conhecidas em cidades helenísticas, o que torna útil a nós quando nos lembramos dos eventos notados anteriormente: o século II a.C., que teria testemunhado a imitação e adaptação das *stoai* gregas ao contexto urbanístico romano, também teria sido o

<sup>22</sup> Ver fig. 1, frag. 24a: as estruturas ali desenhadas representam a Horrea Galbae, construída no século I a.C., um ótimo exemplo da configuração arquitetônica de tais edifícios.

palco de outras importações, dentre elas a Navalía. Assim como os pórticos, os *neosoikoi* também sofreriam suas adaptações: os exemplares helenísticos tinham seu fim desembocando diretamente no mar, mas a Navalía era quase 90 m distante do Tibre, espaço que teria servido para compensar as cheias do rio, que em casos extremos inundaria a estrutura – um problema teoricamente menos preocupante nos exemplos à beira-mar. Dessa forma, a melhor comparação realizada neste caso seria com a Pisa renascentista:<sup>23</sup> sendo a única potência naval com acesso fluvial ao mar, era também a única que possuía seu arsenal naval longe do ponto de desembarque, mantendo certa distância do rio Arno. As semelhanças aparecem inclusive na parte posterior do edifício: ambas possuíam uma entrada menor e com aberturas superiores para a entrada de ar e luz (figs. 10 e 11).

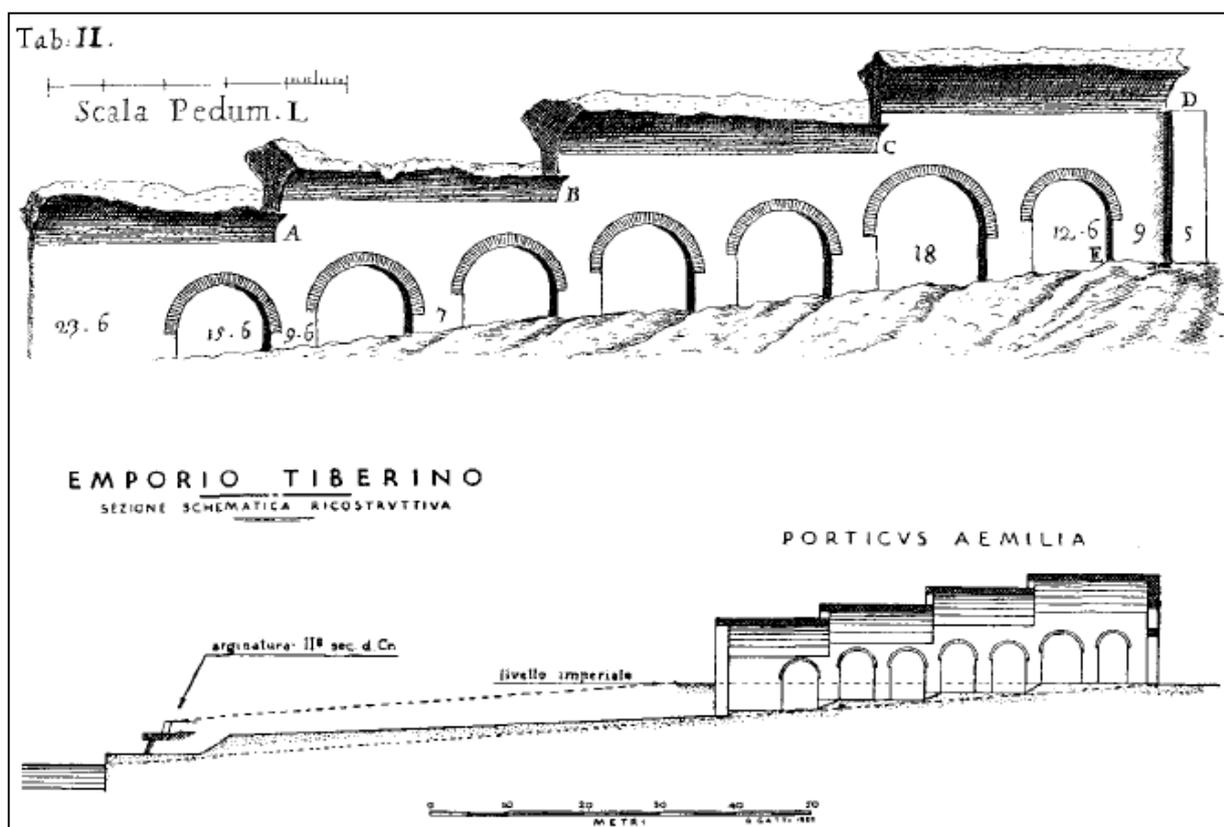


Fig. 8 – Interpretação de Gatti para o desnivelamento.

<sup>23</sup> Cf. SENSENEY, J. R. Adrift Toward Empire. In: *Journal of the Society of Architectural Historians*, Santa Barbara, vol. 70, n. 4 p. 428, 2011, para exemplos venezianos e gregos.

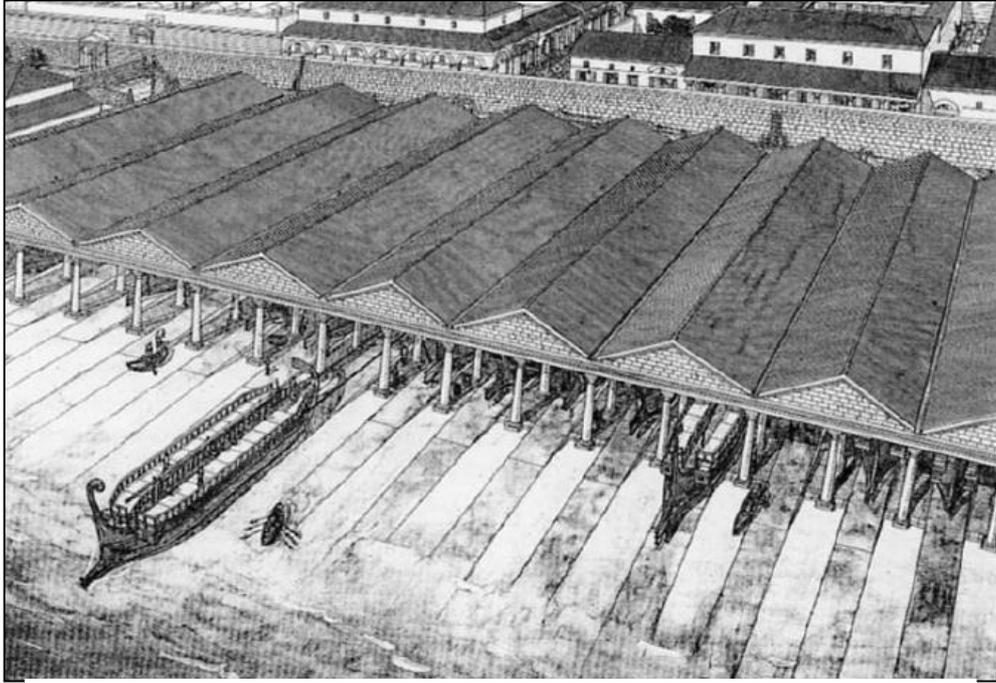


Fig. 9 – Neosoikoi em atividade.

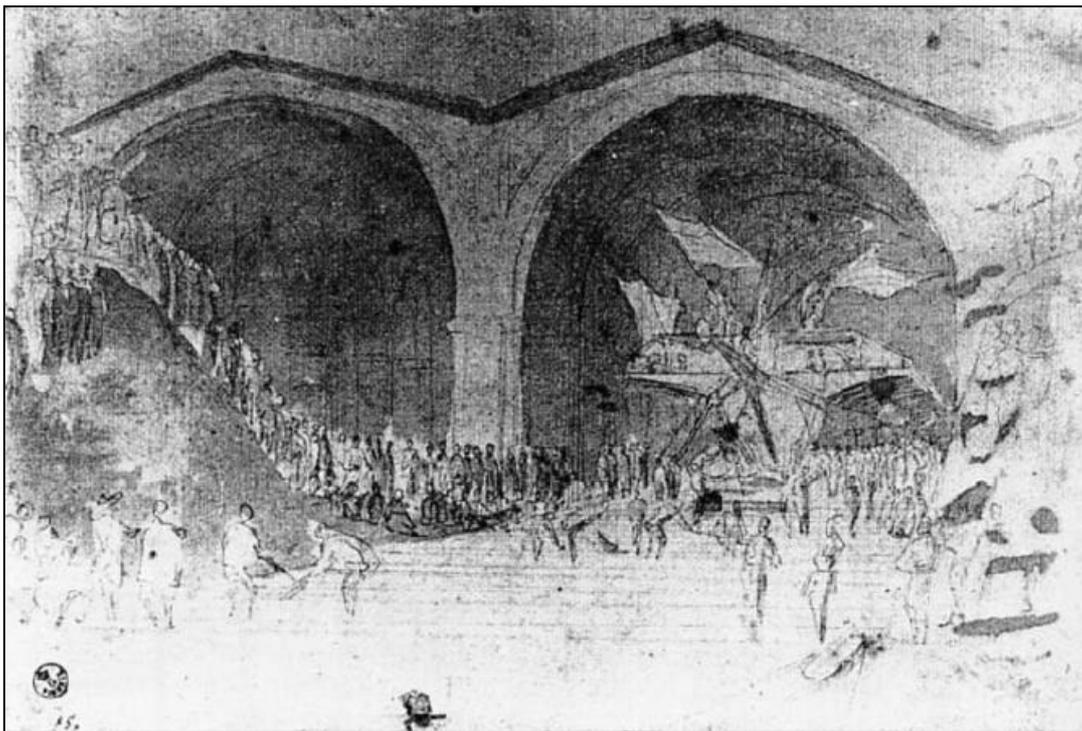


Figura 10 – Arsenal de Pisa na metade do século XVII. Notar a inclinação diante da porta frontal e o espaço deixado entre a estrutura e o rio.

Tucci data a estrutura da segunda metade do século II a.C., dando tempo para que a técnica pudesse ter sido inventada, testada e aperfeiçoada.



Fig. 11 – Parte posterior do arsenal de Pisa (à esquerda) e da Navalium/Porticus Aemilia (à direita).

Mais argumentos são encontrados em Tito Lívio: o historiador narra partidas da frota romana organizadas em unidades de 50 navios (36.42.1 em 191 a.C. e 42.27.1 em 172 a.C.), talvez uma organização que configuraria posteriormente os mesmos 50 ambientes da Navalium, estrategicamente localizada em uma posição favorável à defesa do Portus Tiberinus (fig. 1, A). Além disso, devemos reconhecer que há uma lacuna temporal nos registros de Tito Lívio que vai do ano 167 a.C. ao 68 a.C., ou seja, período em que provavelmente o colosso do Testaccio fora construído.

Entretanto, os romanos não sabiam que em pouco tempo seriam os donos do Mediterrâneo. Em pouco tempo a Navalium por eles construída, graças a uma necessidade momentânea, teria se transformado em algo defasado e que ocupava um espaço precioso na região que tomava para si boa parte do comércio romano. Dessa forma, é bem provável que pelo final do século I a.C. ele tenha sido adaptado a funções comerciais, algo evidenciado pelos edifícios construídos no espaço entre a Navalium e o Tibre.

## VI. Considerações Finais

Mais recentemente, F. P. Arata e E. Felici ofereceram uma nova leitura do monumento mantendo o modelo de Gatti, mas dando novas funções ao

Porticus Aemilia: mercadorias, e não navios, entravam pela parte norte do edifício e saiam pela parte posterior, assim como as pessoas que as compravam. Nas suas palavras, a Porticus Aemilia “doveva ricevere uomini e mercanzie, ma non trattenerli; in questo senso la porticus onorerrebbe perfettamente la sua radice etimologica porta/portus: luogo di passaggi”.<sup>24</sup> A resposta de Tucci viria na tentativa de provar um ponto em específico: a parte posterior do edifício não oferecia espaço para uma eventual estrada que a percorresse escoando as mercadorias e pessoas que nela tivessem entrado; além de que as estruturas da parede dos fundos (fig. 11) serviam exclusivamente de janelas.<sup>25</sup>



Fig. 12 – Única cadeia longitudinal sobrevivente da estrutura. Notar seu primeiro arco da esquerda para a direita (sul-norte) e a diferença de nivelamento que ele mantém entre os demais.

Até então, os argumentos de Tucci haviam sido convincentes, mas é necessário notar que neste ponto a defesa de seu modelo toma uma atitude extremista, pois mesmo se a estrutura do Testaccio fosse a *navalía* romana, as aberturas nos fundos não somente facilitariam o acesso e o trânsito dos trabalhadores e tripulações – cujo número deveria ser suficiente para preencher e fazer a manutenção de 50 navios em seu pico – como de eventuais recursos necessários aos ofícios ali desenvolvidos. Imaginemos como seria se as únicas aberturas que davam acesso às naves fossem aquelas na parte da frente (face noroeste) do edifício, como seria o trânsito de pessoas e materiais, entrando e

<sup>24</sup> Porticus Aemilia, navalía o horrea? ancora sui frammenti 23 e 24 b-d della Forma urbis. In: *Archeologia Classica*, Roma, vol. 62, n. 1, p. 143, 2011.

<sup>25</sup> La Controversa Storia della “Porticus Aemilia”. In: *Archeologia Classica*, Roma, vol. 63, n. 2, p. 575-91, 2012.

saindo constantemente das pistas também utilizadas pelos navios? Além disso, é possível enxergar uma leve diferença no primeiro arco da única cadeia longitudinal ainda de pé: ele não compartilha do desnível nem das medidas dos arcos seguintes, o que pode sugerir que ao menos aquele corredor servia para a livre circulação dos trabalhadores, que não podiam fazê-lo através dos outros 6 corredores sem passar por cima de alguma das rampas para navios (fig. 12).

Há ainda outro fator poderia contribuir para enfraquecer a defesa de Tucci. As escavações realizadas entre 2011 e 2012 encontraram dois ambientes de idade imperial apoiados ao edifício republicano em sua face sudeste, e ligada a uma série de estruturas hídricas havia uma estrada pavimentada por pedras que parece correr pela parede posterior do edifício (fig. 13). Como não foram encontrados vestígios de edifícios republicanos em estratos inferiores, é crível que a implantação desse sistema hídrico tenha sido contemporânea ou brevemente posterior às construções imperiais. Dessa forma, se levarmos em conta que há possibilidades de que tais espaços foram usados com algum fim artesanal – devido à existência das estruturas hídricas e da simplicidade das cerâmicas ali escavadas (uma delas contendo pigmentos)<sup>26</sup> – podemos pensar que seu estabelecimento seria um produto da adaptação comercial da Navalía proposta por Tucci, de modo que se inserem no novo contexto de utilização do espaço. Além disso, é necessário notar que o espaço ocupado por tais estruturas, apoiadas à face sudeste da Navalía, é mostrado na *Forma Urbis* como vago, praticamente como uma rua retilínea (ver fig. 2). Portanto, é bastante provável que a parte posterior da Navalía era desocupada até pelo menos o final do século II d.C., quando começa a elaboração da *Forma Urbis*.

No que diz respeito ao interior do edifício, é incontestável que ele passara por restauros (em um trabalho misto de tijolos e blocos de tufa) e modificações que visavam subdividir seu espaço interno para novas atividades. Em um desses ambientes, construído também no período imperial, vemos a presença de paredes em *opus testaceum* (técnica que também utiliza a argamassa para unir suas unidades, estas agora fabricadas de cerâmica em formatos triangulares e dispostas de modo que a base maior formasse a face externa da parede) e cobertas de um reboco branco com propriedades impermeáveis. Há também a presença de uma pavimentação composta por

---

<sup>26</sup> Informação verbal, Valerio De Leonardis, 09/2013.

camadas de *cocciopesto* (mistura de fragmentos de cerâmica e argamassa que formaria um tipo de concreto com propriedades resistentes à umidade) apoiadas sobre um sistema de *suspensurae* de tijolos (pequenas colunas que sustentariam o chão com o intuito de criar um vão por onde o ar poderia circular). Sabendo que esse sistema subsolo era comumente utilizado para manter um circuito frequente de ar no ambiente, evitando a acumulação de umidade (mesmo objetivo das paredes rebocadas), a descoberta de cevada carbonizada através de estudos de paleobotânica apenas reforça a ironia de que a estrutura teria sido de fato utilizada como *horreum* em determinado momento de sua história.



Fig. 13 – Ambientes imperiais que se apoiam na parede dos fundos da estrutura. À esquerda, paralela ao muro do Porticus Aemilia, restos da pavimentação da rua que cobria o encanamento descoberto.

Considerando que a maior parte do material cerâmico ali encontrado era composto por ânforas africanas, podemos supor de onde vinha a produção

que um dia encheria o ambiente: do Egito, o chamado “celeiro de Roma” (fig. 14).<sup>27</sup>



Fig. 14 – Ambiente imperial adaptado dentro do Porticus Aemilia (acima) e *suspensurae* escavadas sob o pavimento de *cocciopesto* (abaixo).

Mesmo que as escavações dos últimos três anos já tenham proporcionado muitos dados novos, poucos deles lançam alguma luz sobre as funções iniciais do edifício. Enquanto o resultado das últimas escavações –

---

<sup>27</sup> Cf. [http://www.archeologia.beniculturali.it/index.php?en/142/scavi/scaviarcheologici\\_4e048966cfa3a/320](http://www.archeologia.beniculturali.it/index.php?en/142/scavi/scaviarcheologici_4e048966cfa3a/320) e [http://www.beniculturali.it/mibac/export/MiBAC/sito-MiBAC/Contenuti/MibacUnif/Comunicati/visualizza\\_asset.html\\_5017098.html](http://www.beniculturali.it/mibac/export/MiBAC/sito-MiBAC/Contenuti/MibacUnif/Comunicati/visualizza_asset.html_5017098.html), acessados em 16/06/2014.

encerradas em setembro de 2013 – não são publicados, os dados produzidos até o momento nos ajudam a observar que o colosso construído aos pés do Aventino foi algo extremamente vivo: qualquer que tenha sido o motivo de seu nascimento, provavelmente um muito nobre dada suas dimensões, ele fora cumprido e depois modificado, servindo ao povo romano por muito tempo e de maneiras diferentes.

Talvez a resposta para a pergunta mais procurada desde Gatti resida em outros meios, outras áreas também parte da arqueologia, como, por exemplo, na dúvida se as cheias do Tibre tornavam realmente necessário a um estaleiro se situar a 80 m de sua margem. A resposta para essas e outras perguntas nos auxiliaria a resolver problemas referentes não apenas à identificação de um edifício, mas também às necessidades de um povo que começava a construir um dos impérios mais duradouros da História. Quais eram as motivações para se aprovasse a construção de um pórtico dessas dimensões em uma das áreas mais comerciais da cidade? Qual era o significado de se possuir um *neosoikos* “romanizado”? Por que essa estrutura foi mantida por séculos através de adaptações recorrentes, sendo que poderia ter sido desfeita para dar lugar a algo menos defasado? Essas e outras perguntas que cercam o ainda chamado “Porticus Aemilia”, se respondidas, poderiam oferecer uma visão muito mais clara sobre um dos principais momentos de Roma e de seus habitantes, um momento de transformação no qual a decisão de conquistar um império foi tomada, mesmo depois das extenuantes guerras contra Cartago. Qualquer que tenha sido sua utilização inicial, fosse ela um *emporium*, uma *navalia* ou um *horreum*, o colosso do Testaccio se encontra exatamente nessa encruzilhada, o que a torna uma ótima testemunha para ser entrevistada a respeito de seus idealizadores e de seus frequentadores.

Entretanto, até que os resultados finalmente apareçam, permanecemos com a imagem de uma estrutura republicana na qual alguns romanos se dirigiram para receber/comprar sua cota mensal de cereais, enquanto outros para lá iam a fim de observar e trabalhar em navios que a todo momento provavam que aquele edifício não era algo estático, mas sim o produto de um império jovem que crescia e se modificava a cada passo que dava adiante, assim como o Porticus Aemilia/Horra Cornelia/Navalia.

## Figuras

1. <http://digitalaugustanrome.org>. Acessada em 15/09/2014.
2. RICHARDSON JUNIOR, Lawrence. The Evolution of the Porticus Octaviae. In: American Journal of Archaeology, vol. 80, n. 1, plate 12, 1976.
3. Imagem retirada da internet (<http://it.wikipedia.org/wiki/File:Fori-imperiali-big-1-.jpg>, acessada em 13/09/2014).
4. Acima: CAMP, John M. *The Athenian Agora: Excavations in the Heart of Classical Athens*. Nova York: Thames and Hudson, 1986. p. 169, fig. 139. Abaixo: COULTON, J. J. *The Architectural Development of the Greek Stoa*. Oxford: Clarendon Press, 1976. p. 275, fig.102.
5. MARTIN, A. Aguilera. El Monte Testaccio y la Llanura Subaventina: Topografía Extra Portam Trigeminam. Roma: Editorial CSIC, 2002. fig. 8.
6. COZZA, Lucos; TUCCI, Pier Luigi. Navalia. In: *Archeologia Classica*, Roma, vol. 57, n. 7, fig. 1, 2006.
7. À direita: imagem retirada da base de dados do site <http://formaurbis.stanford.edu/> (acessado em 15/06/2014). À esquerda: RICHARDSON JR., L. A New Topographical Dictionary of Ancient Rome. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992. fig. 69.
8. GATTI, Guglielmo. "Saepta Julia" e "Porticus Aemilia" nella "Forma" Severiana. In: *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*, Roma, v. 62, fig. 4, 1934.
9. REDDÉ, M; GOLVIN, J.-C. *Voyages sur la Méditerranée Romaine*. Paris: Actes Sud, 2005. p. 111.
10. Disegno di P. Ciafferi (Firenze, Galeria Uffizi, 266P).
11. À direita: fotografia de A. Sobrero, retirada do site <http://www.turismo.pisa.it/it/cultura/dettaglio/Arsenali-medicei-00002/> (acessado em 18/09/2014). À esquerda: foto do autor (09/2013).
12. Fotografia de SSBAR - Sara Della Ricca (09/2013).
13. Fotografia de SSBAR - Sara Della Ricca (09/2013).
14. Fotografia de SSBAR - Sara Della Ricca (09/2013).

## **Bibliografia**

### *Fontes*

LIVY. *History of Rome*: vol.1, books 1-2. Tradução de B. O. Foster. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

\_\_\_\_\_. *History of Rome*: vol. 10, books 35-37. Tradução de Evan T. Sage. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

\_\_\_\_\_. *History of Rome*: vol. 12, books 40-42. Tradução de Evan T. Sage e Alfred C. Schlesinger. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1938.

OVID. *Fasti*. Tradução de James G. Frazer e revisão de G. P. Goold. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931.

PAUSANIAS. *Description of Greece*: vol. 1, books 1-2 (Attica and Corinth). Tradução de W. H. S. Jones. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1918.

PLUTARCH. *Lives*. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1921. v. 10: Agis and Cleomenes, Tiberius and Gaius Gracchus, Philopoemen and Flaminius.

### *Livros e Artigos*

ARATA, F. P.; FELICI, Enrico. Porticus Aemilia, navalia o horrea? ancora sui frammenti 23 e 24 b-d della Forma urbis. In: *Archeologia Classica*, Roma, vol. 62, n. 1, p. 127-153, 2011.

BLAKE, M. *Ancient Roman Construction in Italy from the Prehistoric Period to Augustus*. Washington, D. C.: Carnegie Institution, 1947.

CAMP, John M. *The Athenian Agora: Excavations in the Heart of Classical Athens*. Nova York: Thames and Hudson, 1986.

COARELLI, Filippo. *Guida Archologica di Roma*. Ostiglia: Arnoldo Mondadori Editore, 1974.

COLINI, Antonio Maria. Il Porto Fluviale del Foro Boario a Roma. In: *Memoirs of the American Academy in Rome*, Roma-Nova York, vol. 36, p. 43-53, 1980.

COULTON, J. J. *The Architectural Development of the Greek Stoa*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

COZZA, Lucos; TUCCI, Pier Luigi. Navalia. In: *Archeologia Classica*, Roma, vol. 57, n. 7, p. 175-202, 2006.

DAVIES, Penelope J. E. The Archaeology of Mid-Republican Rome: The Emergence of a Mediterranean Capital. In: EVANS, Jane DeRose. *A Companion to the Archaeology of the Roman Republic*. Londres: Blackwell Publishing, 2013. P. 441-458.

EVANS, Jane DeRose. *A Companion to the Archaeology of the Roman Republic*. Londres: Blackwell Publishing, 2013.

GATTI, Guglielmo. "Saepta Julia" e "Porticus Aemilia" nella "Forma" Severiana. In: *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*, Roma, v. 62, p. 123-149, 1934.

HOMO, Léon. *Roman Political Institutions: Form City to State*. Londres: Routledge, 2013.

HOYOS, Dexter (Ed.). *A Companion to the Punic Wars*. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

MARTIN, A. Aguilera. *El Monte Testaccio y la Llanura Subaventina: Topografía Extra Portam Trigeminam*. Roma: Editorial CSIC, 2002.

ORLIN, Eric M. Foreign Cults in Republican Rome: Rethinking the Pomerial Rule. *Memoirs of the American Academy in Rome*, Roma-Nova York, vol. 47, p. 1-18, 2002.

REDDÉ, M; GOLVIN, J.-C. *Voyages sur la Méditerranée Romaine*. Paris: Actes Sud, 2005.

REYNOLDS, David West. *Forma Urbis Romae: The Severan Marble Plan and the Urban Form of Ancient Rome*. PhD Dissertation, Earth & Geoscience, University of Michigan, 1996.

RICHARDSON JUNIOR, Lawrence. The Evolution of the Porticus Octaviae. In: *American Journal of Archaeology*, vol. 80, n. 1, p. 57-64, 1976.

\_\_\_\_\_. *A New Topographical Dictionary of Ancient Rome*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992. fig. 69.

RICKMAN, G. *Roman Granaries and Store Buildings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

RODRÍGUEZ-ALMEIDA, Emilio. Aemiliana. In: *Atti della Pontificia Accademia Romana di Archeologia: Rendiconti*, Roma, vol. 68, p. 373-83, 1995-1996.

ROSENSTEIN, Nathan. Italy: Economy and Demography after Hannibal's War. In: HOYOS, Dexter (Ed.). *A Companion to the Punic Wars*. Oxford: Blackwell Publishing, 2011. p. 412-429.

SENSENEY, J. R. Adrift Toward Empire. In: *Journal of the Society of Architectural Historians*, Santa Barbara, vol. 70, n. 4, p. 421-441, 2011.

TUCCI, Pier Luigi. La Controversa Storia della "Porticus Aemilia". In: *Archeologia Classica*, Roma, vol. 63, n. 2, p. 575-91, 2012.

TUCK, Steven L. A new identification for the "Porticus Aemilia". In: *Journal of Roman Archaeology*, Portsmouth, vol. 13, p. 175-182, 2000.

WINTER, Frederik E. *Studies in Hellenistic Architecture*. Toronto: University of Toronto Press, 2006. p. 50-70

*Sites Consultados*

[http://archeologia.beniculturali.it/index.php?en/142/scavi/scaviarcheologici\\_4e048966cfa3a/320](http://archeologia.beniculturali.it/index.php?en/142/scavi/scaviarcheologici_4e048966cfa3a/320) (acessado em 16/06/2014).

[http://beniculturali.it/mibac/export/MiBAC/sito-MiBAC/Contenuti/MibacUnif/Comunicati/visualizza\\_asset.html\\_5017098.html](http://beniculturali.it/mibac/export/MiBAC/sito-MiBAC/Contenuti/MibacUnif/Comunicati/visualizza_asset.html_5017098.html) (acessado em 16/06/2014).

<http://formaurbis.stanford.edu/fragment.php?record=1&fieldo=stanford&searcho=24b&opo=and&field1=all> (acessado em 16/06/2014).

<http://knir.it/en/challenging-testaccio.html> (acessado em 15/09/2014).